

## ENTRE ARTE, CORPO E EDUCAÇÃO: NAS TRILHAS DA EXPERIMENTAÇÃO

Leandro Barreto Dutra – UFJF

Agência(s) Financiadora(s): CAPES-FAPEMIG

[...] A vida é assim: a gente escolhe um caminho na esperança de que ele vá nos conduzir a um lugar de alegria. [...] Sem compreender que a alegria não se encontra ao final, mas às margens do caminho (ALVES, 2011, p. 13-14).

### Um corpo, uma arte e uma educação

Esse pôster é um retrato de um processo educacional que acontece no Mutirão da Meninada do Vale Verde, na cidade de Juiz de Fora, um coletivo que aposta na eficácia de processos em que se experimenta abertura à força da vida surgindo por todos os lados.

O Mutirão propõe diversas atividades, que não são valorizadas em si mesmas, mas na capacidade de serem experimentadas como fazer lúdico e inventivo e que, por isso mesmo, proporcionam alegria no agir.

Neste coletivo uma das atividades oferecidas é a oficina *Vivenciando a mata do Vale Verde*, na qual sou o biólogo/professor/oficineiro responsável. A vivência se dá no âmbito artístico – não só pelas técnicas circenses utilizadas, mas no modo de saborear todo o encontro – com tempo de ver, ouvir e tocar o mundo.

Do circo, o tecido aéreo - modalidade mais apreciada pela garotada - é um dos aparelhos de mais fácil aprendizagem, sobretudo porque o tecido se molda ao corpo e se adapta ao praticante. Devido à maleabilidade e a plasticidade do *liganet*<sup>1</sup> o praticante encontra grande liberdade de criação de formas e movimentos. É o encontro entre o riso e o risco na invenção e afirmação da vida.

É na mata com toda essa multiplicidade que acontece o encontro nas trilhas da invenção de mundos outros. Acontece o encontro entre caminhos, entre áreas do conhecimento, entre o corpo-arte-educação.

### Por uma experimentação

Este trabalho propõe um trilhar, um caminhar errante, (des)(pré)ocupado, desprovido de metas objetivistas para então saborear o encontro. “Veja que Bugre só pega por desvios...

---

<sup>1</sup> Tipo de tecido utilizado na prática circense.

Não anda em estradas, pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os arísticos maduros” (BARROS, 2010b, p. 319).

Caminhar nos desvios é afirmar a multiplicidade da vida. Na mata, o desejo vai direcionando os desvios e se constituindo um espaço habitado na dobra, no entre... Um abrigo provisório do existir.

O artista, tal como o cientista, produz um acesso novo no real que cria, inventa. O acesso ao novo se dá no desconhecido, no não vivido, no não experimentado. Entre o real e o inventado há de se perder para se achar. Larrosa (2003) afirma que “o estudante, para estudar, precisa encontrar um lugar para se perder” (p. 49).

Nesse lugar de se perder que o andarilho – que já nascera sem pátria e sem identidade, mas que ao mesmo tempo é senhor de tudo e pertence ao mundo - se põe a andar sem rumo, mas atento, no entre.

Nietzsche (2011a) fala dessa atenção quando propõe maturidade do homem sendo o reencontro com a seriedade que se tinha nas brincadeiras de infância (p. 91). É uma atenção de corpo inteiro e com seriedade.

O que acontece entre o artista e o mundo que o cerca é, segundo Pereira (2012), a produção de uma zona de potência, um campo de possibilidades, o porvir de uma nova realidade (p. 187). E entre a ciência e a arte e o mundo que o cerca? “[...] talvez, então da mesma maneira, se encontre a sua força contrária, a sua prodigiosa faculdade de fazer brilhar a alegria dos humanos, novos universos de estrelas” (NIETZSCHE, 2011b, p. 45). Talvez...

## **Alguns rasgos na experimentação de tecer-se com/no tecido**

Partindo dessa trilha do pensamento é que a oficina de vivenciar a mata do bairro Vale Verde engendrou-se na invenção de si e do mundo. São encontros que acontecem todos os domingos pela manhã com crianças e adolescentes.

Acontece entre a garotada, o professor, o tecido aéreo, a mata do bairro e todo o espaço/território que se vai constituindo – queremos “não o que está feito, mas o que tortuosamente ainda se faz” (LISPECTOR, 1998, p. 12).

A interação da meninada com a natureza e os lugares habitados é um apelo à experiência estética e à criatividade. Os movimentos de criação, cheios de significações, configuraram potentes modos de viver.



Foto 1 - “O menino tinha no olhar um silêncio de chão e na sua voz uma candura de Fontes”.<sup>2</sup>

***“Sempre quando a gente sobe no tecido tem mais imaginação. A gente acha que não sabe... que não vai conseguir, mas quando a gente sobe a gente faz um monte de coisas. A gente inventa outra coisa quando a gente não sabe”.***<sup>3</sup>

***Artista – 9 anos***

Em *Grande sertão: veredas*, Guimarães Rosa (2001) nos presenteia: “O corpo não traslada, mas muito sabe, adivinha se não entende” (p. 56). Poder adivinhar/inventar é estar rodeado de possibilidades. Então pergunto: a criação/invenção subverte as regras?

Manoel de Barros (2008) conta que o que sua namorada “via não era uma garça na beira do rio. O que ela via era um rio na beira de uma garça. Ela despraticava as normas” (p. 103). Despraticar regras é um exercício poderoso! Agarro-me às palavras de Guimarães Rosa (1985) quando diz: ‘Se a semente tivesse “personalidade”, nem a árvore nasceria’ (p. 268). É um modo outro de se viver! Um modo semente de se estar no mundo. No caso, o des saber abriu espaço para a invenção, adivinhação, criação. Despraticamos?

É possível ensinar/aprender essa peraltagem de despraticar?

---

<sup>2</sup> Todas as fotos foram alteradas para preservar a não identificação dos praticantes e as legendas foram retiradas da Primeira Parte I do livro *Menino do mato* de Manoel de Barros.

<sup>3</sup> Texto transcrito dos participantes da oficina Vivenciando a mata do Vale Verde. Todos os demais recortes assumirão essa mesma diagramação.



Foto 2 – “Então era preciso desver o mundo para sair daquele lugar imensamente e sem lado”.

***“Tecido: é uma coisa boa. Ensina a gente a virar mortal. Ensina a gente a ficar de cabeça para baixo. É estranho, mas é legal”.***

***Artista – 10 anos***

“Nunca se sabe como uma pessoa aprende; mas de qualquer forma que aprenda, é sempre por intermédio de signos, perdendo tempo, e não pela assimilação de conteúdos objetivos” (DELEUZE, 1987, p. 22). Aprendemos sempre *com* alguém e/ou *com* alguma coisa, mas certamente se aprende *com*.

Na tentativa de resistir à hegemonia imposta, talvez devêssemos deixar de ser os que ensinam e detém o poder, para que, numa composição *com*, o pensamento formulado ressoasse em risos. O riso como potencial deformador, desmascarador e assim pudéssemos saborear o acontecimento. “Parece-me que aí está a sabedoria, que é sabor da vida, que é, portanto, a felicidade à altura das possibilidades do ser humano” (LARA, 2010, p. 206).



Foto 3 – “A gente queria encontrar imagens de aves abençoadas pela inocência”.

***“Eu gosto do tecido. Doem os meus braços e minhas pernas, mas é uma dor boa”.***  
***Artista – 12 anos***

Uma dor boa. Uma tristeza que é alegria. Um saber que é dessaber. Parece estranho, mas a vida não é mesmo uma estranheza? É um saber às avessas. É um caminho que foge da dicotomia. É o entre, a dobra, o criar, o conhecer, o viver. Maturana (2004) afirma que “Aforísticamente hablando: Vivir es conocer. Y conocer es vivir” (p. 38).

Sendo assim, “é o fascínio que acorda a inteligência” (ALVES, 2011, p. 54). O conhecimento surge sempre do desafio, do desconhecido, da estranheza, da perturbação. “Pena que se diga muito sobre a ciência de construir navios e nada sobre o fascínio de navegar” (Ibidem).

“Eu vi um lírio vegetado em caracol! Isso não muda a feição da natureza?” (BARROS, 2010a, p. 47). Esta perda de tempo para encontrar a beleza do cotidiano, do navegar e assim reinventar-se é uma brecha para a existência humana. Uma existência artística.

Esse aprender que ocorre no processual, é sempre imprevisível, foge do controle programado pelo professor, transborda em experiências singulares-múltiplas. Transpõe o reconhecimento. Sugere mais que uma explicação dos fatos, propondo a vivência neles para o conhecimento. Viver é conhecer, experimentar, dobrar-se sobre si mesmo.



Foto 4 – “Porque a gente também sabia que só os absurdos enriquecem a poesia”.

***“Depois que encontramos a cigarra na árvore, toda vez que passo nas trilhas fico reparando para ver se encontro outro esqueleto de cigarra ou outra coisa legal”.***

***Artista – 14 anos***

O encontro foi com o silêncio, com o pequeno, com o imóvel... Tudo isso concentrado na força de um exoesqueleto quitinoso preso a uma árvore entre tantas no caminho. Um corpo atento ao mundo, pronto para tocar e ser tocado por ele abre caminhos para o conhecer, para o eterno espanto, para o experimentar. “É no ínfimo que vejo a exuberância” (BARROS, 2010b, p. 341). Exuberância que nos provoca, instiga, incita... O não cricrinar da cigarra gerou muitas cricrinações...

***“Isso é um bicho? É que nem folha seca. Mas isso é planta ou é bicho? É cigarra. Viva? Morta. Que nojo! Não tem nada, só casca! Cigarra tem casca? É a pele dela. Nossa pele não é casca! A gente não é cigarra! Tem dois olhos e seis patas. Olha a cara dela! (risos). Vamos levar ela! Como será que ela faz essa casca? Será que ela morreu presa aí dentro? Olha, eu acho que ela saiu e deve está rindo da nossa cara agora...”***

***Um corpo criado entre muitos corpos – Sem idades***

O encontro com a cigarra é fissura do/para o conhecimento. Agora caberia falar do exoesqueleto quitinoso? Dos nomes científicos? Caberia o ensino de ciências? O ensino já se fez. Faz-se. O que possibilitou o ensino? O fascínio. O que possibilitou o fascínio? Um modo outro de existir...

De que modo se abrem novos becos para a existência? Não estamos falando de uma mudança global, de uma salvação para a humanidade, de um método para a aprendizagem, de um modelo a ser seguido. Pelo contrário, a proposta é um beco. Este pôster vem propor

questões para o ensino/aprendizagem que acontece na interseção entre as áreas do conhecimento. Questões entre a vida, a biologia, a arte, o tecido e a cigarra e o corpo e... Questões modais. Problematizações que constituem implicações no estilo de professor. É um trabalho árduo, pensado com rigor e indispensavelmente de corpo inteiro. “Repetir, repetir, repetir até ficar diferente. Repetir é um dom do estilo” (BARROS, 2010b, p. 12). É nos descaminhos, nas trilhas que se produz um estilo de vida e mundos ao se produzir conhecimento.

## Referências

ALVES, Rubem. *Variações sobre o prazer: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: As infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

\_\_\_\_\_. *Menino do mato*. São Paulo: Leya, 2010a.

\_\_\_\_\_. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010b.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

LARA, Tiago Adão. Educação corpo inteiro. *Ensino Em-Revista*. Uberlândia, v.17, n.1, p.203-218, jan/jun. 2010.

LARROSA, Jorge. *Estudar: Estudar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MATURANA, Humberto; BERNHARD, Pörken. *Del ser al hacer: Los Orígenes de la biología del conocer*. Santiago: J. C. Sáez, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. *Para além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2011a.

\_\_\_\_\_. *A Gaia Ciência*. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2011b.

PEREIRA, Marcos Villela. O limiar da experiência estética: contribuições para pensar um percurso de subjetivação. *Pró-Posições*. Campinas, v. 23, n. 1 (67), p. 183-195, jan/abr. 2012.

ROSA, João Guimarães. *Ave, palavra*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

\_\_\_\_\_. *Grande sertão: veredas*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.